

UM ESTUDO SOBRE O CULTIVO DE FRUTAS COMO ALTERNATIVA DE DESENVOLVIMENTO DO SUB-MÉDIO SÃO FRANCISCO ¹

Rejane Cardoso dos Santos ²
Gilson Batista de Oliveira ³

RESUMO

O Submédio São Francisco ganhou destaque no cenário nacional e internacional pela qualidade de seus produtos graças às mudanças ocorridas no sistema de produção que passou de: sistema de produção anual para cultivo perene, com capacidade produtiva de até duas safras por ano. Os impactos das mudanças tiveram reflexos na geração de emprego e renda local, transformando as cidades de Juazeiro-BA e Petrolina, PE, no principal pólo de desenvolvimento do Vale do São Francisco. A fruticultura é atualmente o segmento mais dinâmico e competitivo do submédio São Francisco e os principais produtos são: uvas e mangas, juntas as duas culturas movimentam a economia local através da integração agricultura, indústria e comércio exterior. A estratégia de comercialização das frutas do submédio está quase toda voltada para atender o comércio internacional, colocando o vale como maior exportador de frutas brasileiro. A demanda internacional pelas frutas produzidas no submédio vem crescendo a cada ano, motivando produtores e indústria a se especializarem ainda mais, para atender de forma competitiva esses mercados, que exigem acima de tudo um alto nível de qualidade e segurança. Para isso, produtores, indústria e governo investem na moderna agricultura de exportação via produção integrada de algumas variedades, pelo viés de novas técnicas de cultivo e principalmente em capacitação e preparação de pessoas para atender o comércio exterior. O grande desafio do vale é resolver alguns gargalos, principalmente na malha viária para escoamento da produção aos respectivos mercados compradores e desenvolver estratégias mais competitivas para ganhar novos mercados.

Palavras-Chave: Fruticultura; Desenvolvimento; Exportação.

ABSTRACT

The fruit is currently the most dynamic segment and competitive submedium San Francisco (cities of Petrolina and Juazeiro) and the main products are: grapes and mangoes, the two cultures together move the local economy by integrating agriculture, industry and foreign trade. The strategy of marketing the fruits of submedium is almost entirely geared toward meeting international trade, placing the valley as the largest fruit exporter in Brazil. International demand for fruits produced in submedium is growing every year, prompting producers and industry to specialize even more so to meet these competitive markets,

¹ Artigo baseado na monografia de graduação em Ciências Econômicas apresentada a FAE – Centro Universitário em 2009.

² Aluna do 4º ano do curso de Ciências Econômicas pela FAE – Centro Universitário. E-mail: rejane@agrural.com.br.

³ Doutorando em Desenvolvimento Econômico. Professor da FAE – Centro Universitário. E-mail: gilson.oliveira@fae.edu

which require above all a high level of quality and safety. To do so, producers, industry and government invest in modern agriculture for export via the integrated production of some varieties, from the perspective of new farming techniques and especially in training and preparing people to meet foreign trade. The big challenge is to resolve some of the valley bottlenecks, mainly in roads for transport of produce to their buyers markets more competitive and develop strategies to win new markets.

Key words: Fruits; Development; Exports.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende analisar o cultivo de frutas no Submédio São Francisco, como uma alternativa de desenvolvimento regional, tendo como foco principal, as cidades de Petrolina, Pernambuco e Juazeiro, Bahia, com objetivo de entender se estas cidades conseguiram atingir níveis de desenvolvimento econômico significativo por meio de suas atividades voltadas ao mercado externo. Segundo dados da Associação dos Produtores de Hortifrutigranjeiros do Vale do São Francisco (VALEXPOT)⁴, atualmente essa região exporta 95% de toda sua produção, sendo as culturas de uva e manga os grandes destaques em escala de produção e comercialização.

Essa região se tornou um referencial produtivo no Brasil e no mundo por apresentar excelentes condições climáticas fundamentais para garantir até duas safras por ano. O Submédio São Francisco abrange áreas dos estados da Bahia e Pernambuco. As principais cidades são: Juazeiro e Paulo Afonso, na Bahia; Petrolina, Ouricuri e Serra Talhada, em Pernambuco.

Originalmente, a tradição de cultivo no vale partia da iniciativa de pequenos produtores isolados, cuja produção atendia apenas o comércio local sem força para potencializar a produção em escala comercial. A produção limitava-se ao cultivo de algumas variedades como mangas, melancias e outras variedades. A estrutura atual revela uma forte articulação entre os setores produtivo, industrial, comercial e tecnológico, em função do alto nível de investimentos recebidos da iniciativa pública e privada, responsáveis pela criação de um sistema produtivo de sucesso em meio a um cenário de carências climáticas e sociais.

O resultado dessa articulação foi a abertura de um leque de oportunidades com outros mercados para os produtos do vale, seja pela qualificação profissional aplicada à comercialização, estrategicamente voltada para o setor externo, mas também pelas características qualitativas das frutas que o vale produz. De olho em novos mercados, o Vale investe atualmente, no cultivo de novas variedades, além das mais dinâmicas como a uva e a manga com objetivo de aumentar competitividade dos produtos pelo valor agregado.

Graças às excelentes condições climáticas predominantes nesta região e perfeita articulação dos fatores, o vale do São Francisco consolidou-se como o maior pólo brasileiro exportador de frutas, com maior destaque para as culturas de uvas de mesa e mangas, que são os principais elementos da economia de Petrolina-PE e Juazeiro-BA. De acordo com dados da EMBRAPA – SEMI ÁRIDO, a região representa cerca de 95% das exportações brasileiras nesse segmento, gerando aproximadamente US\$ 300 milhões por ano e no mercado interno e US\$ 400 milhões ao ano, no mercado externo, gerando mais de 240 mil empregos entre os setores produtivos da região.

Assim este trabalho será norteado pelos seguintes questionamentos:

- De que maneira o cultivo de frutas para exportação pode ser utilizado como estratégia de desenvolvimento regional?

⁴ VALEXPOT. Produção integrada de manga e uva. disponível em www.cpatas.embrapa.br

- Como as atividades voltadas para a exportação influenciam no processo de geração de emprego e renda local?

Como hipóteses admite-se que:

- as variedades cultivadas no Vale do São Francisco são fortemente demandadas no exterior, possibilitando o desenvolvimento de uma base exportadora e;
- as atividades ligadas à exportação de frutas exercem um efeito multiplicador da renda e no crescimento econômico regional.

Ademais, essa monografia tem como objetivo geral analisar os principais condicionantes do desenvolvimento do Vale do São Francisco, especialmente as cidades de Juazeiro, BA e Petrolina, PE. De forma específica pretende:

- Levantar aspectos determinantes da escolha do produto e dos métodos de produção local e;
- Estudar condições estruturais e políticas que dão suporte à exportação regional e levantar o desempenho da produção agrícola assim como sua ligação com a indústria e os demais setores da economia.

Para cumprir os objetivos, além da introdução e das considerações finais, o trabalho foi dividido em duas partes: a primeira parte do trabalho foi constituída por teorias que envolvem questões de desenvolvimento e agricultura, um apanhado geral sobre o assunto com alguns exemplos de economias desenvolvidas a partir da interligação setorial entre agricultura e indústria, assim como o levantamento de aspectos relacionados à agricultura no Brasil, analisando se houve efeitos positivos na relação entre a agricultura e a indústria. Na segunda parte, o objeto de estudo é o próprio Vale, cuja pesquisa trará informações relevantes sobre a dinâmica que envolve todo processo produtivo do Submédio, assim como os efeitos sociais e econômicos em suas principais cidades.

1 AGRICULTURA E DESENVOLVIMENTO REGIONAL

Esse capítulo traz uma revisão de literatura sobre o papel da agricultura no processo de desenvolvimento, bem como uma discussão sobre as principais teorias que tratam do assunto.

1.1 DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E AGRICULTURA

O papel da agricultura no processo de desenvolvimento econômico está relacionado a uma forte integração intersetorial.

A agricultura desempenha a importante missão de interagir entre os outros setores da economia a partir de suas funções básicas, como a abastecer a indústria, mercado interno, gerar poupança e divisas por meio das exportações e desse modo, criar uma forte base agrícola.

Todas estas funções apresentam um caráter gerador de inúmeros conflitos em suas relações de interdependência setorial. Estes conflitos recaem sobre a perspectiva de crescimento da agricultura e os impactos que este crescimento gera no setor urbano-industrial, no abastecimento interno e exportações, no dilema dos agricultores em transferir poupança para a indústria e contribuir com a geração de fortes efeitos de encadeamentos intersetorial.

Até meados de 1960 a agricultura baseava-se no modelo Soviético em que todos os recursos

provenientes do setor agrícola eram destinados à produção industrial, o papel da agricultura até então, era de suprir a indústria. A relação entre agricultura e indústria apresentava-se de maneira inversa e dependente de estímulos industriais e setor público. Essa dependência acabou provocando intenso movimento de migração do campo para os grandes centros urbanos em consequência da pobreza no meio rural, posteriormente deslocada para as cidades.

O impacto destes deslocamentos, naturalmente provocaria uma mudança de cenário industrial e social que elevaria a expansão de oferta de produtos agrícolas exigindo a criação de novas bases industriais e de novos centros urbanos para absorver o crescimento populacional e suprir a demanda de alimentos. O modelo do Impacto Urbano – Industrial sustenta que o aumento da população é o responsável pelo o crescimento da agricultura, se não tivesse ocorrido esse processo de migração em função de fatores já comentados anteriormente, um crescimento autônomo do setor não provocaria nenhuma modificação expressiva de cenário ou seja, o crescimento agrícola ocorreria em decorrência do crescimento Urbano-Industrial. Por outro lado, é possível observar que existe uma forte relação entre a agricultura e desenvolvimento econômico, por meio de um fluxo intensivo de insumos industriais, tecnologia e mercado. Deste modo, a agricultura apresenta-se de forma atuante no desenvolvimento dela mesma e de outros setores, principalmente pelo efeito multiplicador na economia e mudanças estruturais que causam impactos positivo na produtividade e gera uma contrapartida para mudanças tecnológicas e inovações na indústria em decorrência do crescimento demográfico e elasticidade da renda.

Esses encadeamentos do crescimento do resto da economia, como caso do trigo no Canadá que mostra um desenvolvimento econômico industrial em paralelo ao desenvolvimento agrícola. O trigo foi o principal produto na pauta de exportação deste país, no período entre guerras e sua participação no mercado mundial foi de suma importância tanto para o desenvolvimento dos encadeamentos internos, como para suprir o quadro de demanda mundial. Comparando o sucesso do processo de desenvolvimento do Canadá com o desenvolvimento Argentino, ambos de colônia inglesa, cujos produtos primários exportadores são muito similares, verifica-se algumas diferenças de perfil econômico entre eles. Essas diferenças estão pautadas em duas variáveis explicativas: a diferenciação de produtividade agrícola e salários.

De acordo com Lewis (1969), a revolução industrial inglesa desafiou os outros países no século XIX a fazerem o catch-up econômico e tecnológico por meio ou da imitação ou do comércio. O caminho da imitação era mais promissor, todavia muitos países se inseriram no comércio internacional como exportador de produtos primários porque não tinham aumentado a produtividade agrícola capaz de possibilitar a formação de um excedente que pudesse ser redirecionado para a indústria.

Segundo Prebisch (1949), seria preciso saber extrair do comércio internacional os elementos propulsores de crescimento, acumulando capital para aumentar produtividade agrícola. Mas o aumento de produtividade deveria ser eficazmente aplicado no sentido da industrialização. Este deveria ter sido o projeto dos países da América Latina, pois o progresso técnico e o aumento da eficácia produtiva conduziriam ao aumento de salário real, reduzindo a distância entre o centro e a periferia. Notadamente, o sucesso do trigo no Canadá foi muito mais evidente que na Argentina pelo próprio posicionamento político das elites locais e pelo nível de investimento inglês dentro dessas economias.

O resultado do sucesso desses encadeamentos depende também, do cumprimento, por parte da agricultura, de cinco funções básicas (Johnston e Mellor, 1961):

- a. Liberar mão-de-obra para ser empregada na indústria e evitar a elevação dos salários pagos, a fim de não deprimir a taxa de lucros e assegurar a acumulação contínua de capital;
- b. Fornecer alimentos e matérias-primas para o setor urbano-industrial, à medida que a demanda cresce com o desenvolvimento e com a intensificação do processo de urbanização
- c. Gerar divisas estrangeiras, por meio da exportação de produtos agrícolas, para financiar o desenvolvimento, adquirir importações e amortizar a dívida externa;

- d. Transferir poupanças para inversões na indústria e para implantação de infra-estrutura econômica e sociais; e
- e. Construir mercados para bens industriais, complementando os mercados urbanos.

Estas cinco funções estabelecem uma forte integração entre a agricultura e os outros setores da economia por meio do efeito multiplicador. O aumento ou redução da oferta de alimentos estão diretamente relacionados com o uso intensivo dos fatores terra, mão-de-obra e tecnologia. O emprego destes fatores melhoram os resultados por uso de sementes selecionadas e melhoramentos da terra por uso de fertilizantes e defensivos, pesquisas e desenvolvimento de novas técnicas aplicadas à produção se traduzem em aumento da produtividade e dessa forma, pode-se gerar maior oferta de alimentos. O contrário, haveria uma redução da oferta. Em contrapartida, a indústria amplia-se pelos excedentes de matéria-prima e mão-de-obra baratas provenientes da agricultura, conforme destacado acima, o aumento da oferta de produtos manufaturados e defensivos para agricultura pode ser representado pelo fluxo contínuo de tecnologia e insumos industriais que atuam de forma precisa no desenvolvimento entre setores.

A mistura dos processos de industriais e agricultura cria um novo mecanismo dinâmico, a agroindustrialização. Essa sofisticação de desenvolvimento industrial com bases agrícolas cria condições de atendimento às demandas de mercado interno e abre espaço para o mercado externo, uma vez que a melhor alternativa de atração de divisas para expansão industrial dar-se-ia, por meio das exportações de produtos primários, cuja fonte é o setor agrícola. No entanto para Timmer (1992), o viés urbano continua e os encadeamentos entre agricultura e os demais setores não são maximizados pelo mecanismo de mercado.

Intervenções do governo seriam necessárias para que a agricultura jogue um papel decisivo no desenvolvimento. Esta intervenção se daria principalmente para tentar corrigir as imperfeições de mercado geradas por aspectos de formação de preços aliadas a processos inflacionários, movimentação de capital e trabalho adequados para gerar excedentes para exportação além de fatores sociais como: a redução da pobreza por decisão de investimentos ao pequeno agricultor e preocupações ambientais. Nesse sentido, a intervenção do governo se justificaria pelo cumprimento de funções reguladoras na economia, tanto pela contribuição na formação de preços agrícolas, maior eficiência nos processos produtivos, melhor distribuição de renda e bem-estar social.

A determinação de preços agrícolas pode ter impactos na produção tendo em vista que a oferta de produtos está diretamente associada a preços, quanto maior for a rentabilidade, maior a disposição do produtor a produzir. O contrário, a preços muito baixos, os custos com insumos confrontam-se com o preço do produto. Nesse caso, a oferta de alimentos tende a diminuir elevando os preços no longo prazo e gerando inflação. No âmbito social e ambiental a intervenção do governo se daria pelo processo de distribuição regular de terras com o intuito de diminuir a pobreza no campo e tentar minimizar os impactos urbanos trazidos pela migração campo/cidade. Porém, a distribuição de terras não é suficiente para resolver os problemas de pobreza no campo, seriam necessárias criações de políticas agrícolas de apoio ao pequeno produtor com intuito de aumentar a produtividade e atender a crescente demanda nos centros urbanos.

Um problema crescente no meio agrícola são as chamadas regiões de fronteiras, que invadem reservas florestais e causam muitos problemas ambientais, isso ocorre, quase sempre, por ausência de políticas ambientais de controle eficaz para frear a expansão insustentável de algumas regiões produtoras. No Brasil, esse fenômeno é bastante frequente no centro-oeste. Os avanços das áreas plantadas sobre a floresta amazônica é fonte de importantes discussões entre governo, produtores e ambientalista.

Outros estudos sobre desenvolvimento econômico apontam uma tendência de declínio da participação da agricultura na composição da renda por influência das transformações setoriais. Essas transformações são marcadas pelas mudanças no setor agrícola principalmente no que se refere a

produtividade e utilização dos fatores, pois estes estão diretamente relacionados a composição do índice de produtividade total (Veeman, 1995; Johnston e Kilby, 1997). Os traços mais marcantes desse fenômeno de mudança seria justamente a participação decrescente da agricultura no Produto Interno Bruto (PIB) e na proporção do emprego e renda total. Dessa forma a agricultura se distancia cada vez mais do crescimento dos países.

Alguns traços de mudanças estruturais agrícolas no Brasil ocorrem de maneira similar, principalmente no que diz respeito a composição da renda em um período de 50 anos (inserir gráfico e explicar as razões das variáveis)

Graziano (1996) mostra que o processo de industrialização na agricultura foi sem dúvida uma das mudanças mais impactantes neste setor. O uso intensivo de máquinas e insumos aliados à transformação agroindustrial promoveram uma mudança de rota no perfil do emprego dos fatores na agricultura.

1.1 DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E AGRICULTURA NO BRASIL

De modo geral, o desenvolvimento econômico das nações está ligado à forte interdependência setorial sustentada pelo viés agrícola. No Brasil, essa dinâmica entre os setores se deu independentemente da construção de um mercado interno forte, a agricultura pautava-se nas exportações de bens primários com objetivo de gerar divisas e transferir recursos para financiar importações de produtos industrializados que, por sua vez, desenvolvesse um mercado de consumo de bens importados, que sustentasse o processo de industrialização e desenvolvimento da indústria nacional de substituição dos importados. Nesse período, o setor agrícola sofreu fortes pressões por falta de estímulos a produção de produtos específicos como o café.

As políticas de desenvolvimento estavam voltadas para a constituição da indústria e os investimentos destinavam-se a setores específicos. Segundo Melo (1979), a agricultura nacional supriu de modo satisfatório o setor urbano com alimentos, entre 1940 e 1970. A expansão natural da fronteira agrícola, ocupando terras férteis no oeste do Paraná e no sul do Mato Grosso, compensou políticas agrícolas deficientes ou adversas para o setor. A visão cepalina sobre a estrutura agrícola evidenciava certo distanciamento do desenvolvimento do setor em função da alta concentração e da baixa competitividade de preços no comércio internacional. Esta visão de desenvolvimento econômico seria fruto de reestruturação agrária e no caso do Brasil o que prevaleceu foi uma agricultura extensiva e baixa produtividade.

A concentração produtiva do Brasil dificultou a formação de centros de consumo em seus arredores inibindo as relações entre produtores e consumidores. A concentração geográfica é benéfica quando existem fortes ligações entre comunidade consumidora e produtora, além de contribuir para a formação de setores de desenvolvimento de tecnologias e inovações que permitam um aumento significativo na produção. A união desses elementos é que se constitui em importante fluxo de produção, consumo e exportação e de forma direta contribui para o desenvolvimento econômico.

Celso Furtado em seu livro “Transformação e crise na economia mundial”, comenta que as atividades exportadoras são absorvedoras de mão de obra e que o protecionismo aos produtos de exportação desempenha papel importante na fase de desenvolvimento de um país, continua sua análise conforme citação abaixo.

“Nunca é demais lembrar que as atividades agropecuárias ainda ocupam cerca de metade da população trabalhadora e que, em razão do rápido crescimento demográfico e de outras características da economia brasileira se transforme numa segunda fonte de emprego”⁵.

⁵ FURTADO, Celso. Transformação e crise na economia mundial. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, p. 87.

Nas décadas de 70 e 80 o governo sente a necessidade de criar novas políticas voltadas à modernização da agricultura para incorporar aumento de produtividade agrícola. Assim cria alguns programas, cujos destaques são para o Sistema Nacional de Crédito Rural (SNCR) e as políticas de Garantias de Preços Mínimos (PGPM). Para os autores Gremaud, Vasconcellos e Toneto Júnior, no livro “Abordagem Histórica da Economia Brasileira” relata que:

“Esses dois instrumentos, especialmente o primeiro, no final da década de 60 e durante a década de 70 (também a PGPM num período mais recente), foram extremamente importantes no chamado processo de modernização agrícola brasileiro”⁶.

No final da década de 80, devido às brechas da abertura comercial mal estruturada, os problemas começaram a surgir. Devido às baixas tarifas de importação o produto nacional começa a perder espaço dentro do seu próprio mercado para os produtos importados. Em Seu livro “Economia Brasileira: Da construção da indústria à inserção na globalização”, o autor Gilmar Mendes Lourenço comenta.

[...] sistemas econômicos excessivamente presos (e por muito tempo) ao mercado interno não podem ser expostos da noite para o dia à concorrência externas, sob pena de haver o sacrifício de empresas e empregos nacionais [...]⁷.

1.3 EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS

O Brasil tem participação pequena no mercado internacional, mas vem gradativamente aumentando sua participação em função de suas vantagens comparativas em alguns produtos, principalmente produtos primários. Essa participação tem garantido um papel significativo na formação do produto do país. O crescimento das exportações vem sendo estimulado pela forte demanda externa que basicamente é quem dá suporte ao crescimento das exportações. A demanda externa que cresce a ritmo acelerado movido pela expansão da economia global esse fenômeno de crescimento tem impactos positivos na produção de produtos primários, destinados à alimentação e também a ração animal, uma vez que a elasticidade da renda influencia uma mudança de padrões de consumo em economias em desenvolvimento, o consumo de proteínas torna-se mais evidente, esta mudança movimenta a rede produtora expandindo a produção nacional.

Neste caso o fator externo aliado ao crescimento global acaba gerando certo conflito entre produzir para o mercado internacional ou suprir o mercado nacional. Sabe-se que o princípio fundamental que move as relações de troca entre os países, são suas vantagens comparativas em que ambos precisam orientar-se pelo maior ou menor custo em termo de outro bem. Neste caso, ambos ganharam como o comércio internacional.

O crescimento da produção nacional na década de 70 pode ser explicado pelo deslocamento das áreas produtivas para outras regiões, principalmente para o Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás e pelo viés da modernização e métodos de produção, baseado em uma dinâmica mecanizada associada a investimentos em pesquisa com o objetivo de aumentar a produtividade e ganhar escala. Esse processo foi determinante na expansão produtiva do país. Para se ter uma ideia a área cultivada cresceu 25,65% entre 1970/1980, com expansão das lavouras temporárias, especialmente para exportação (FIBGE, 1982, p. 11).

⁶ GREMAUD, Amaury Patrick, VASCONCELLOS, Marco Antônio Sandoval de. TONETO JÚNIOR, Rudinei. Economia Brasileira Contemporânea. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2004. p. 3

⁷ LOURENÇO, Gilmar Mendes. Economia brasileira: da construção da indústria à inserção na globalização. Curitiba: Ed. do autor, 2005. p. 46.

Dias e Amaral (1999) avaliam que um dos principais aspectos do crescimento da produção agrícola deve-se em grande parte ao processo de abertura comercial, responsável em partes, pelas melhorias nas relações de trocas internacionais. Essas relações, na visão dos autores, estão fortemente relacionadas com os altos ganhos de produtividade do setor e também, pelo aumento do poder de compra da agricultura no período de 1987 e 1998.

O conflito de produzir para o mercado interno ou para o Comércio Internacional está ligado à fronteira de possibilidade de produção no curto prazo. Utilizando-se todo o fator terra até o limite, não havendo possibilidade de aumento de produtividade para a produção de um único bem, cujo destino seja o mercado internacional é preciso sacrificar a produção de outro bem que supriria o mercado interno. Para corrigir esse problema seria preciso um aumento da produtividade por meio de adoção de fatores que garantissem maior eficiência do solo, por uso de fertilizantes ou fazer rotação de culturas, adoção regime de confinamento para o gado e assim, liberar estas terras para produção agrícola.

O aumento da produtividade via expansão de fronteiras exige um aumento nos custos de produção por uso intensivo de fertilizantes para correção do solo em áreas como cerrado. Esses custos acabam se refletindo na rentabilidade do produtor. A rentabilidade também pode ser afetada por políticas cambiais, barreiras a entrada de alguns produtos em outras economias, logística perdas na colheita e principalmente pela ineficiência na comercialização.

De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Frutas (IBRAF) o Brasil é terceiro maior produtor de frutas mundial, perdendo apenas para China e Índia. Apesar dessa expressiva colocação o Brasil está em 15º lugar no ranking de exportação de frutas, a justificativa está no consumo interno que absorve parte significativa da produção. Em 2004 a produção mundial de frutas estava em torno de 540 milhões de toneladas correspondendo a um montante de US\$162 bilhões, a participação do Brasil estava em 48,1 milhões de t gerando uma receita de 55,6 milhões. Em 2007 a receita gerada pelas exportações teve um crescimento de 34% em relação a 2006 para um volume 14% maior pelo alto valor agregado tendo a uva como líder no ranking de exportações.

Os maiores mercados para as frutas brasileiras são: a União Européia, EUA e Canadá, somente a União européia é responsável por 85% das exportações. Para atender esses mercados, o Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento (MAPA) desenvolveu um programa denominado PROFRUTA com a finalidade de elevar padrões de qualidade e competitividade das frutas brasileiras no mercado mundial. Apesar da maior parte das exportações estarem voltadas para estes mercados a meta é aumentar as exportações para a Ásia e Oriente Médio. Apesar dos fortes concorrentes, China e Índia, o Brasil tem um forte potencial de crescimento por apresentar características climáticas bem definidas que influencia positivamente o processo produtivo proporcionando até duas safras por ano.

Em 2003, a receita gerada pela exportação de manga foi 21% maior que a receita gerada pela uva e pelo melão, em 2004, a manga ainda estava a frente das duas variedades. A partir de 2005 o cenário começou a mudar e as duas frutas deram um salto em termos de receita. Isso porque o volume (kg) exportado da fruta não teve grandes variações como ocorreram com o volume de uvas e melões que praticamente dobraram de um ano para o outro. A receita média da manga cresce a uma taxa de 11% ao ano. A uva cresceu 25% e o melão 13% em relação a manga, no período de 2003 à 2008.

2 O DESENVOLVIMENTO REGIONAL E O CASO DO VALE DO SÃO FRANCISCO

Neste capítulo serão tratadas as principais teorias de análise regional: teoria da base de exportação, teoria da base econômica, teoria dos pólos e desenvolvimento e teoria da difusão; bem como será tratado o desenvolvimento no submédio do Vale do São Francisco.

2.1 AS TEORIAS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

A teoria da Base de Exportação foi desenvolvida por Douglas North (1977). Neste estudo, North considera que a fonte de crescimento econômico regional depende do desenvolvimento das

atividades básicas e não básicas. As atividades básicas são as exportações e as não básicas tem função secundária de apoio às atividades básicas. Essas atividades são partes dos estudos sobre desenvolvimento regional pela ótica da Teoria da Base da Exportação. Essa teoria é uma derivação da teoria da base econômica que explica nas relações comerciais de uma determinada região com outras regiões de âmbito interno e externo assim como o funcionamento dos fluxos de mercadorias entre a região e o resto do mundo, tem implicações positivas e negativas no desenvolvimento regional.

A perspectiva da base de exportação acontece independente da renda local, elas dependem muito mais da renda de outras regiões ou países com quem a região tem vínculos comerciais, pois a produção local tem destino de consumo em outros mercados. Nesse sentido, a região está mais sujeita à flutuações da elasticidade da renda dos parceiros comerciais. North (1977) conclui que o sucesso de uma base de exportadora depende do grau de diversificação dos produtos exportáveis, quanto maior a diversificação, menor o risco às flutuações, haja vista que as exportações são a força motriz da economia local, que por sua vez, desenvolverá a região mesmo sem a presença de consumo e renda de sua população. Mas, a expansão dessa base depende de outros fatores, sobretudo aspectos estruturais que devem estar presentes na região e que façam uma ponte de ligação eficiente entre a produção e os mercados, dessa forma a perspectiva de desenvolvimento da região ocorrerá em razão de ajustes de nos custos de produção, no aumento da demanda externa e elasticidade da renda externa.

A teoria da base econômica, por sua vez considera as atividades básicas e não básicas como motor propulsor do desenvolvimento regional, porém, essa teoria engloba as demais variáveis que explicam os aspectos determinantes do nível do produto local. Não se atém somente às exportações. A estrutura de produção constitui o dinamismo da economia. A teoria admite que inicialmente o nível de produção atenda a demanda interna local. Se os fatores de produção foram totalmente utilizados, haverá expansão das exportações e os recursos produtivos terão mais força no mercado externo. Ao contrário, havendo capacidade ociosa o efeito acontecerá pelo multiplicador nas atividades do mercado interno. Portanto, o produto regional é desproporcional às exportações.

As atividades básicas de uma região, nem sempre tem força suficiente para promover processos de múltiplas atividades (não básicas), a região não consegue construir uma dinâmica local capaz de sustentar o desenvolvimento, que se constitui a partir do aumento da oferta de serviços e produtos à sombra da atividade principal (básica). Em contrapartida, quando as regiões aproveitam suas potencialidades e aptidões naturais, os efeitos positivos de atração se traduzem em desenvolvimento e crescimento econômico pautado no efeito multiplicador da renda.

As atividades econômicas do Submédio São Francisco estão pautadas nos fluxos inter-regionais de produtos, capital e mão-de-obra. Para isso, utilizam de forma satisfatória suas especializações e aptidões regionais que, segundo North (1977), é o ponto de partida para existência de fluxos comerciais dinâmicos entre as regiões com o resto do mundo. Os efeitos de encadeamento gerado pela atividade motriz devem ser aproveitados para atrair maior número de empresas que exportam e empresas públicas criadas para dar apoio ao setor privado para melhorar os efeitos positivos.

De acordo com a teoria dos pólos de desenvolvimento, ou teoria da polarização de François Perroux (1967), diz que o ponto de partida para desencadear um processo de crescimento, consiste no aproveitamento adequado dos efeitos de encadeamento gerados pela concentração dos investimentos é justamente a inserção de uma unidade chave na região. Myrdal (1968) tomou como exemplo os efeitos negativos da saída de uma empresa instalada em uma região, cujo dinamismo local girava em torno da atividade dessa empresa. Nesse sentido, os efeitos são desastrosos para a comunidade, pois provocam desequilíbrio na renda e por consequência, os impactos são refletidos nos setores econômicos que dependiam da permanência das atividades geradas pela empresa em questão. Os efeitos são inversos, com a instalação de uma unidade fabril na região.

Essa inserção vai gerar efeitos positivos e negativos na região e nível de desenvolvimento está diretamente relacionado com os efeitos. Nessas perspectivas, pode-se considerar que a atividade motriz da região do Submédio São Francisco, está se tornando um pólo de desenvolvimento a partir do aproveitamento dos efeitos positivos trazidos pela atração de investimentos diversificados de grandes grupos, cujas atividades estão ligadas aos setores de exportação e abastecimento nacional. Esses efeitos geram um conjunto de atividades em torno da região, alguns diretos e outros indiretos que movimentam

a economia local através de efeitos multiplicadores.

2.1 A DINÂMICA DO SUBMÉDIO SÃO FRANCISCO

O Submédio São Francisco, objeto de estudo deste trabalho, ocupa áreas que se estendem de Remanso (BA) até Paulo Afonso (BA), com 110.446 km², ou 17% da área da Bacia, e 440 km de extensão. Sua população é de 1,944 milhões de habitantes, está situado em uma região de clima semi-árido, portanto com características de escassez de água. Baseado nessa premissa buscou-se alternativas para alcançar resultados que fossem capazes de potencializar, de forma racional, o aproveitamento dos recursos naturais disponíveis na região, nesse caso, as águas do rio São Francisco para promover o desenvolvimento dessa região.

2.1.1 O INÍCIO

Antes do Vale se tornar referência internacional pelo seu nível de produção, aconteceram muitas mudanças no perfil agrícola, social e estrutural da região. Inicialmente, essa região era base agrícola familiar, ou seja, pequenos grupos de produtores que ali viviam com suas famílias e cultivavam algumas variedades, basicamente de subsistência e eventualmente comercializavam suas “sobras” em arranjos locais “feiras”. As características climáticas, políticas e estruturais não permitiam que esses agricultores alcançassem um desempenho em escala comercial de sua produção. Primeiro por que a região de clima semi-árido apresenta características desfavoráveis à produção agrícola pela baixa quantidade de chuvas, depois pela falta de conhecimentos de investimentos em técnicas de melhoramento de solos e pesquisa aliado a isso, a falta de investimentos públicos era mais um entrave ao desenvolvimento desta região.

2.1.2 O PROCESSO DE TRANSIÇÃO

Com a implantação do processo irrigação, a região ganhou novas áreas de destinadas à produção agrícola, principalmente no sertão de Pernambuco e Bahia. Para que o processo de irrigação fosse viabilizado foi necessário iniciar um projeto de desapropriação de áreas situada às margens do rio que eram predominantemente ocupadas por pequenos colonos, cuja produção estava centrada no modelo de subsistência. O novo sistema irrigado tinha como objetivo claro, desenvolver a região e atrair investimentos privados para o local. Nesse sentido, a distribuição desses novos espaços foi dividida, sem citações dimensionais, entre os colonos desapropriados anteriormente em virtude do processo de irrigação, para um grupo seletivo de produtores vindos de outras localidades e um novo espaço destinado à implantação de empresas.

Para orientar essas divisões foram criados alguns projetos, um deles, o Nilo Coelho, contava com 1.442 colonos, 169 empresas e 110 lotes para técnicos agrícolas (Codevasf, 1996) e ofereceu 1.500 lotes originais; 700 destinados a ex-proprietários, dos quais 60% repassaram a outros os lotes recebidos. Hoje, acredita-se que, apenas 10% dos colonos que tinham atividades no Vale antes da irrigação continuem a atuar na região. Essas mudanças possibilitaram a vinda de vários imigrantes, como por exemplo, os de origem japonesa, além de uma vasta gama de profissionais habilitados em novas técnicas de manejo e com níveis superiores de educação que na região se estabeleceram e contribuíram para que ocorressem mudanças significativas nas práticas produtivas e gestão do vale.

2.1.3 AMBIENTE MULTICULTURAL

Todas as mudanças ocorridas no vale ocorridas a partir da implantação dos sistemas irrigados de produção constituíram para uma nova e moderna dinâmica de produção com efeitos diretos e indiretos no desenvolvimento regional. As cidades de Petrolina, PE e Juazeiro, BA refletem o desenvolvimento alcançados pelas mudanças estruturais ocorridas no Vale e vínculo com o mercado internacional dado pelo crescimento da produção em escala de seus principais produtos, a uva e a manga. Essas frutas são as principais fontes geradoras de emprego e renda, pois juntas movimentam grande parte da economia local e têm um importante destaque em relação à preferência no mercado internacional, representando até 20%, cada uma delas, das exportações totais de vale para outros mercados.

Com os efeitos diretos alcançados na economia local, essa região se transformou em um importante pólo de atração de imigrantes vindos de várias regiões do Brasil que trouxeram consigo vários traços de sua culturas, hoje o Vale apresenta características de múltiplas culturas que se traduzem em efeitos benéficos ao desenvolvimento da região. Notadamente esses movimentos migratórios contribuíram para o desenvolvimento de setores secundários e uma maior dinâmica econômica nos dois municípios. Essa dinâmica pode ser observada pelo salto econômico motivado pela relação do Vale com os setores nobres do mercado.

2.1.4 FRUTICULTURA IRRIGADA DINAMIZA A ECONOMIA DO VALE

Com o objetivo de tentar minimizar os efeitos das secas e constantes perdas de produtividade das lavouras, características da região semi-árida, alguns investimentos públicos foram essenciais para tentar solucionar não apenas o problema gerado pela seca na produção, mas também para tentar resolver os problemas sociais relacionados à pobreza da região.

Para tentar sanar o fenômeno das secas, foi criado o sistema de produção integrada (PIF) que é constituído por um conjunto de práticas agrônômicas selecionadas a partir daquelas disponíveis regionalmente, e que, no conjunto, asseguram a qualidade e produtividade das culturas dentro de uma base de sustentabilidade.

O uso de diferentes métodos (biológicos e químicos, dentre outros) é cuidadosamente utilizado levando em conta as exigências dos consumidores, a viabilidade econômica da atividade e a proteção ao meio ambiente.

Toda essa dinâmica tem um papel fundamental na abertura de outros mercados para as frutas produzidas no Vale. Os investimentos em pesquisa e apoio a comercialização criaram um clima organizacional competitivo internacionalmente fazendo com que as frutas do Vale ganhassem maior valor adicionado e um maior incremento nas culturas voltadas para exportação. Financiamentos federais que priorizam principalmente a cultura voltada para exportação vêm modificando o perfil tecnológico do Vale com a promoção de cursos de especialização em comércio exterior, melhoramentos em infra-estrutura e logística da região.

A fruticultura irrigada é o principal vetor do desenvolvimento do Submédio São Francisco, notadamente das suas cidades Pólo, Petrolina e Juazeiro, que se constitui em verdadeiros eixos de desenvolvimento proporcionado pela expansão da fruticultura irrigada que desencadeou uma sinergia entres os atores que compõem o sistema produtivo local. As duas cidades têm aproximadamente cerca de 400 mil habitantes, o PIB per capita de Petrolina saltou de 712 dólares em 1970 para a cifra de 1.474

dólares em 1993. Esse fenômeno aconteceu em paralelo ao aumento da média de crescimento populacional que ficou acima da média nacional, 3,2% contra 2,5%.

A logística da região é outro fator determinante na constituição da base exportadora. A cidade de Petrolina conta com um moderno aeroporto, o Senador Nilo Coelho, que está preparado para ser rota de exportação, a infra-estrutura do aeroporto é uma das mais modernas para finalidade de carga.

Baseada em modernas técnicas de irrigação as cidades de Juazeiro, BA, Petrolina, PE e Santa Maria da Boa Vista são as primeiras do ranking de desenvolvimento por apresentarem um pólo de estruturado de áreas especializadas em fruticultura voltadas para os mercados internos e externos. Essas cidades integram eixo produtivo Juazeiro - Petrolina, denominado RIDE, (Região Administrativa Integrada de Desenvolvimento) cuja participação no PIB estão acima de 1,0% no valor adicionado da indústria agropecuária. Esses municípios compõem um parque industrial com certo grau de diversificação ambos de economia centrada na fruticultura irrigada.

2.1.5 O SUBMÉDIO SÃO FRANCISCO

A cidade de Petrolina é considerada a primeira no ranking de desenvolvimento, por apresentar um valor adicionado agropecuário de R\$ 500 milhões, com a fruticultura irrigada na produção de variedades como: manga, goiaba, uva, banana, coco e melão. Muito embora os maiores destaques sejam para a produção de uva e mangas.

No Pólo Agroindustrial de Petrolina/Juazeiro encontram-se os maiores produtores de manga e uva do país, tendo alguns deles já consolidados mercados externos. A área plantada com uva de mesa cresceu no período de 1991/1995 em 71,8% ampliando sua área de 2.620 hectares para cerca de 4.500 hectares, enquanto a produção cresceu no mesmo período em cerca de 344%, correspondendo ao montante de 32 mil toneladas a região cresceu de 1.050 toneladas, para cerca de 12.500 toneladas. Essas para 110 mil toneladas. Nesse mesmo período a exportação dessa cifras gera na região cerca de 18.000 empregos diretos. A cultura de manga também é predominante no Vale do São Francisco, com cerca de 22 mil hectares plantados, sendo a maior produtora brasileira. Desses, 62,8% encontram-se no Estado da Bahia, 25,7% em Pernambuco e 10,0% em Minas Gerais. A região do Pólo de Agricultura de Petrolina-Juazeiro apresenta a maior densidade de plantio de manga, com 12,5 mil hectares e representa cerca de 57,3% dos plantios de manga existentes em todo o Vale (CODEVASF, 1999). Essa cultura é responsável por cerca de 16.000 empregos diretos nessa região.

2.1.5.1 PRINCIPAIS PRODUTOS

Além de uvas e mangas, existem outras variedades que estão sendo produzidas no pólo com elevado grau de produtividade, graças aos já mencionados recursos naturais favoráveis e sistema de produção permanente. Esse sistema é o grande propulsor de geração de emprego, elevando o número médio de empregos em torno de cada cultura. No caso da uva, por exemplo, o número de empregos diretos chega a 5 homens por hectares, uma grande revolução em relação a sazonalidade na oferta de emprego. O quadro abaixo mostra a relação da geração de emprego em torno de cada cultura, no nordeste brasileiro. A uva é sem dúvida, é a cultura que apresenta o maior índice de geração de emprego.

QUADRO 1- RELAÇÃO ENTRE CULTURA E GERAÇÃO DE EMPREGO - PERÍODO 1997

Culturas	Homem/ha/ano
Uva	5,40
Banana	0,50
Arroz	0,35
Feijão	0,06
Cebola	0,80
Tomate	0,67
Melão	0,35
Melancia	0,28

FONTE: Brasil. Ministério da Agricultura e do abastecimento, 1997

2.1.5.2 MERCADOS

A maioria dos produtos que é produzido no vale tem um destino certo: o mercado internacional, que consome em média, 40 milhões de ton/ano, que gera uma receita de aproximadamente 28 bilhões/ano. O submédio do São Francisco se consolidou como um pólo dinâmico do nordeste brasileiro no cultivo de frutas para exportação, hoje o terceiro maior produtor de frutas do mundo, produzindo aproximadamente 45 milhões de toneladas/ano em aproximadamente 3,5 milhões de hectares, gerando um PIB anual de 11 milhões de dólares. A participação do submédio no total das exportações de frutas brasileiras é de 335 milhões de dólares que corresponde a 3%, e, 809.000 ton equivalente a 1,8%, de tudo que é exportado pelo Brasil (Valexport, 2003).

O vale começou a ganhar mercado graças às parcerias feitas com empresas multinacionais que custeiam parte da produção para garantir que seus mercados sejam abastecidos com produtos de excelente qualidade com baixo custo. A partir do interesse de grandes corporações estrangeiras, principalmente as ligadas a redes de varejo, o governo foi motivado a deslocar investimentos para esta região com o objetivo de formar estratégias focada para atender a demanda internacional.

A partir dos investimentos governamentais em parceria com empresas privadas foram implantadas de novas técnicas de melhoramentos produtivos e com a instalação de um parque industrial para processamento das frutas dentro ou muito próximas as fazendas para facilitar a integração lavoura/indústria. Os investimentos se estenderam ao campo de pesquisa e capacitação de pessoas para atender de forma profissional o mercado internacional, alvo das estratégias de comercialização.

Atualmente os principais mercados para as frutas do Vale, são os países da união européia, Canadá e EUA. Esses países absorvem até 90% de tudo que é produzido no vale. Embora a participação brasileira ainda seja pequena no mercado internacional em função de sua demanda interna, quase tudo que é produzido no Vale, são demandados por outros mercados. Segundo a CODEVASF, ainda há muito que se fazer dos 120 mil hectares irrigados, são gerados mais de um milhão de toneladas de frutas, com destaque para a uva que ocupa 12 mil hectares e manga 23 mil hectares, além de outras culturas, como acerola, goiaba coco verde, melão, melancia entre outros. Segundo informações do diretor comercial e produtor da Associação Manga Brasil, Antonio Nogueira, em 2008, a região exportou para Europa, por meio do Comércio Justo (Fair Trade), dez contêineres de manga, totalizando 220 toneladas. “Praticamente conseguimos dobrar a quantidade exportada em relação a 2007”.

A expectativa para 2009 foi quebrada em função da crise econômica que afetou em cheio esse mercado que, mesmo com cenário internacional desfavorável para as frutas do Vale o volume exportado de uvas chega a 99%, o volume de manga é um pouco menor, 87%.

Assim como o vinho, outro setor está ganhando destaque no mercado internacional. Uma

associação de pequenos produtores do município de Juazeiro que também exportou em 2008 para a Europa foi a Associação dos Produtores Orgânicos da Região da Adutora da Caraíba (Aproac), graças ao selo de certificação orgânico. Mais de 150 toneladas de manga orgânica foram enviadas para o mercado europeu, em uma parceria com uma empresa exportadora. O selo orgânico permite aos produtores uma melhor distribuição de seus produtos, que já possuem características de excelente qualidade, tanto no mercado interno como no mercado internacional, principalmente o mercado europeu.

2.1.5.3 PERSPECTIVA DE CRESCIMENTO E CENÁRIO DE CRISE

A uva é a cultura mais lucrativa para o Vale, sozinha é responsável por 60% da produção garantindo até duas safras por ano, essa variedade além de ser exportada na forma in natura, também é utilizada na fabricação de vinhos de excelente qualidade.

Nesse sentido o vale está se posicionando para ganhar mercado no segmento de vinho. Em princípio a produção está direcionada para o mercado interno, mas já existe projetos expandir a produção para outros mercados. O vinho produzido no vale é visto como mais um agregado do sistema produtivo local, que através dos anos vem se diversificando e ganhando proporções comerciais graças aos avanços tecnológicos que estão permitindo alta competitividade e qualidade dos produtos produzidos no Submédio.

A demanda internacional desde 2008 vem sofrendo por conta da crise que abalou o sistema financeiro global, como as atividades do vale estão voltadas mais para outros mercados que propriamente para o consumo interno, sentem os reflexos da menor demanda internacional por frutas. O sistema de produção do Submédio é basicamente financiado por compradores externos que adiantam parte do valor de suas compras aos produtores locais em forma de contratos. Com esses, recursos os produtores investem na produção e contratação de funcionários para garantir estes contratos.

Evidentemente com a suspensão desses contratos, os efeitos foram sentidos no desde o setor primário até a industrial. A uva foi a cultura mais afetada pela crise, segundo estimativas da Câmara de Fruticultura de Juazeiro, cerca de 10 mil trabalhadores já perderam seus empregos na região desde novembro. O setor emprega atualmente 240 mil funcionários nos diversos segmentos, mas os cortes estão mais concentrados na uva. Alguns fazendeiros já estão pensando em substituir o cultivo da fruta por outras variedades ou arrendar partes de suas terras, tendo em vista que os custos de produção estão cada vez mais altos e os preços não sustentam mais lucratividade dessa cultura. Além da crise, outro fator que está desestimulando a produção de uvas, são os preços internacionais e a superprodução em países como EUA, acabaram prejudicando a oferta brasileira.

Já o setor de frutas em polpa não sentiu tanto os efeitos da crise como o setor de frutas in natura. Segundo informações da Velexport, esse fato está ligado ao maior valor agregado do produto, quanto maior ele for, mais difícil a entrada de concorrentes. As agroindústrias do vale estão buscando novas soluções para diminuir seus custos de produção optando em aumentar a diversificação produtiva optando por maiores investimentos em frutas concentradas, que geram menos riscos e custos em termos de logística.

CONCLUSÃO

A fruticultura sempre esteve presente no cenário nacional, pode não ter sido mencionada com tanta ênfase quanto a sua dimensão por falta de bibliografia mais densa, mas notadamente sua importância é muito relevante para economia brasileira e, sobretudo para a região estudada neste trabalho.

Para compensar o fenômeno das secas, que é uma constante no cenário do semi-árido nordestino e responsável por grandes perdas de produtividade na agricultura, gerando fome, desemprego e êxodo rural o governo tem investido em projetos em vários perímetros públicos irrigados e sobretudo, apoiando a iniciativa privada através de financiamentos e custos de créditos para investimentos na produção.

Graças a essas iniciativas, o sertanejo viu acontecer mudanças significativas nunca antes experimentadas em seu cotidiano. Essas mudanças ocorreram de forma gradativa e um pouco lenta. A agricultura nessa região era basicamente de subsistência e apenas uma pequena parte era comercializada localmente, geralmente nos centros urbanos. Apesar dos recursos abundantes de água no Rio São Francisco o clima seco é um fator permanente nessa região, o que a torna carente e péssima para o bom desenvolvimento da atividade produtiva.

A agricultura, especificamente a fruticultura, começou a ganhar força quando perímetros urbanos irrigados começaram a serem implantadas as margens do Rio São Francisco, ali começaram a surgir os primeiros parreirais que mais tarde transformaria, de forma definitiva, o cenário de vegetação seca em verdadeiros oásis de prosperidade. A partir daí, a realidade produtiva ganhou novos arranjos proporcionados pela mudança do curso do rio, lógico que de forma artificial, alterando o panorama de produção de culturas anuais para fruteiras perenes, de exportação, fazendo com que o pólo de Petrolina, PE e Juazeiro, BA se tornassem verdadeiros paraísos de prosperidade atraindo demanda por outros investimentos e motivando o governo a investir em projetos pesquisa, priorizando as culturas voltadas para exportação através de treinamentos em comércio exterior e infraestrutura.

Evidentemente tudo isso só foi possível graças a implantação de processos tecnológicos altamente eficiente financiados pela iniciativa pública e privada para com objetivo de aproveitar o grande potencial da região para o cultivos de frutas tropicais.

A fruticultura irrigada é sem dúvida, o grande vetor de desenvolvimento do pólo Juazeiro (BA)/Petrolina (PB), isso porque o crescimento da fruticultura criou uma sinergia entre os diversos setores da economia por meio de efeitos de encadeamentos.

Com essa nova realidade o pequeno produtor passou de mero agricultor familiar para uma produção altamente eficiente de grande escala comercial. Para chegar nesse panorama foi preciso muito trabalho de conhecimento de novas técnicas de cultivo e adequação a uma infinidade de normas exigidas pelos padrões internacionais. Lógico para que as coisas atingissem um nível de eficiência de hoje, foi preciso estabelecer muitas mudanças, tanto no panorama produtivo, através da implementação de novas técnicas e novas variedades, formação de cooperativas para absorver a produção de pequenos agricultores, programas de treinamentos e pesquisa, como instalação de instituições como a EMBRAPA semi-árido, além de núcleos responsáveis pelas estratégias de comercialização da produção.

A demanda internacional é fator determinante para estabelecimento das estratégias de negócios no vale do São Francisco. Como a demanda internacional é quem determina a dinâmica econômica desta região, ela está mais sujeita a riscos de crise econômica e

variações cambiais, que as economias que traçam suas estratégias internas e externamente.

As cidades de Petrolina (PE) e Juazeiro (BA), principais focos desse estudo, são habitadas por cerca de 400 mil pessoas, este pólo é o que apresenta maior dinamismo econômico sustentado pela fruticultura irrigada. O PIB das duas cidades juntas, foram de 3.105.232 milhões de reais no ano de 2006. De 1970 para 1993 o PIB da cidade de Petrolina saltou e 712 milhões para 1.474 milhões. A média de crescimento populacional, nesse mesmo período, tem sido maior do que a média nacional 3,2% contra 2,5%. Esse crescimento aconteceu pelo viés da profissionalização e sofisticação dos processos produtivos que teve papel decisivo na composição do valor agregado do produto.

Por fim, as principais vantagens comparativas do Submédio consistem em apresentar mais de duas safras por ano, menos incidências de doenças e pragas, abundância de água e disponibilidade de mão de obra. Porém as principais dificuldades encontradas no vale no que se refere às exportações, estão ligadas aos altos custos portuários e aeroportuários, também ao baixo investimento em pesquisa e capacitação, além da falta de políticas específicas para dar suporte ao setor da fruticultura, cujas estratégias estão todas voltadas para a demanda internacional.

REFERÊNCIAS

- APEX. **Ação de promoção para comercialização de frutas**. Disponível em: <<http://www.brazilianfruit.org.br/Historico/Historico.asp>> Acesso em: 30 set. 2009.
- CAVALCANTI, Josefa Salete Barbosa. **Frutas para o mercado global**. 1997. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v11n29/v11n29a05.pdf>> Acesso em: 25 jul. 2009.
- CODEVASF **Investindo no Brasil: Vales do São Francisco e Parnaíba**. Disponível em: http://www.codevasf.gov.br/programas_acoes/desenvolvimento-territorial/fruticultura, Acesso em: 30 jul. 2009.
- CORREIA, Roberto Correia, ARAÚJO, José Lincoln Pinheiro de, CAVALCANTE, Erico de Barros. **Fruticultura como vetor de desenvolvimento: o caso dos municípios de Petrolina, PE e Juazeiro, BA**. Disponível em: <<http://www.pontal.org/docs/benefits2.pdf>> Acesso em: 20 jul. 2009.
- EMBRAPA-SEMIARÍDO. **Sistema de produção integrado e mercados: 2006**. Disponível em: <<http://www.cpatsa.embrapa.br>> Acesso em: 30 jun. 2009.
- FIBGE, 1982, citado por SOUZA, 1999, p. 281.
- FURTADO, Celso. **Transformação e crise na economia mundial**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, p. 87.
- GALVÃO, Alberto. **Potencial agrícola do vale do São Francisco**. Brasília: 2004. Disponível em: <<http://www2.desenvolvimento.gov.br/arquivo/sdp/proAcao/APL/Dia3Ago/44Galvao.ppt>> Acesso em: 12 set. 2009.
- GRAZIANO, S. J. **A nova dinâmica da agricultura brasileira**. Campinas, SP: UNICAMP, 1996, 217 p.
- GREMAUD, Amaury Patrick, VASCONCELLOS, Marco Antônio Sandoval de. ONETO JÚNIOR, Rudinei. **Economia brasileira contemporânea**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2004.
- IBGE. Estudos e pesquisas, 2009: **vetores estruturantes da dimensão socioeconômica**

da bacia hidrográfica do rio São Francisco, 2009. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/geografia/diagnostico.html>> Acesso em: 15 mai. 2009.

IBRAF. Séries Estatísticas. Exportações de Frutas In Natura 2003-2008. Disponível em: <http://www.ibraf.org.br/estatisticas/est_frutas.asp> Acesso em: 08 ago. 2009.

JOHNSTON e MELLOR, 1961 citado por SOUZA, 1999, p. 267-268.

LEWIS, 1994 citado por SOUZA, 1999, p. 271.

LOURENÇO, Gilmar Mendes. **Economia brasileira: da construção da indústria à inserção na globalização**. Curitiba: Ed. do autor, 2005.

MAPA, vale do São Francisco. Disponível em: <<http://www.valedosaofrancisco.com.br/ovale/subdivisaodovalesubmedio.asp>> Acesso em: 28 mai. 2009.

MALTHUS. Thomas Robert. **Princípio de economia política e considerações sobre sua aplicação prática**. SP: Abril Cultural, 1983.

MELO 1979, citado por SOUZA, 1999, p. 277.

MYRDAL, G. **Teoria econômica e regiões subdesenvolvidas**. 2 ed. Rio de Janeiro: Saga, 1968.

NORTH, Douglas. **Teoria da localização e crescimento econômico regional**. In: SCHWARTZMAN, Jacques. Economia regional: textos escolhidos. Belo Horizonte: CEDEPLAR, 1977.

PERROUX, F. **A economia do século XX**. Lisboa: Herder, 1967.

PREBISCH, Raul. **O desenvolvimento econômico da América Latina e seus principais problemas**. Revista Brasileira de Economia. Rio de Janeiro: FGV, ano 3, 3, set. 1949.

REIS, Cristina, CARDOSO, Fernanda. **Determinantes da inflexão das trajetórias de desenvolvimento econômico: estudo de casos Austrália, Canadá e Argentina**. 2007 Disponível em: <http://www.fipe.org.br/publicacoes/downloads/bif/2007/7_23-27-cris.pdf> Acesso em: 22 jun. 2009.

SECEX, balança comercial por município, 2003. Disponível em: <<http://www2.desenvolvimento.gov.br/sitio/secex/depPlaDesComExterior/indEstatistica/s/balComercial/balUniFederacao.php>> Acesso em: 22 jul. 2009.

SOUZA, J. N. **Desenvolvimento econômico**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

VALE DO SÃO FRANCISCO dobra venda de frutas para Europa. AGROSOFT BRASIL. Disponível em: <<http://www.agrosoft.org.br/agropag/209205.html>> Acesso em: 09 out. 2009.

VALEXPORT começa a embarcar frutas por Petrolina. Interlog, Porto Alegre, 28 de jul de 2009. Disponível em: <http://www.newslog.com.br/site/default.asp?TroncoID=907492&SecaoID=508074&SubsecaoID=948063&Template=../artigosnoticias/user_exibir.asp&ID=174945&Titulo=Valexport%20come%E7a%20a%20embarcar%20frutas%20por%20Petrolina> . Acesso em: 28 jul. 2009.

VEIGA, Frâncico Ferragolo da. **Território e desenvolvimento local**. Portugal: Celta, 2005.

